

O Ensino da Geografia no contexto da educação de jovens e adultos. Uma breve contribuição

**3-Educación y enseñanza de la geografía**

Andrade, Maria<sup>1</sup>

**1 - Universidade Federal do Rio de Janeiro.**

Ensinar jovens e adultos é um desafio que tem estimulado um número cada vez maior de professores. É uma tarefa encantadora não só pelos sujeitos que estão envolvidos, mas, principalmente, pela possibilidade de educar de uma forma continuada, "*educação como direito humano de aprender para toda a vida*". (Paiva e Oliveira, 2004). Além disso, essa tarefa precisa estar imbuída da compreensão das palavras acima destacadas, tão sabiamente escrita por Boff. Qualquer prática pedagógica, inclusive com jovens e adultos, precisa estar atento a seus ensinamentos.

A geografia tem uma importância grande dentro desse contexto porque permite ao aluno-trabalhador um envolvimento maior através da articulação da história das relações de trabalho, as histórias de vida e as noções de cidadania com as questões metodológicas do trabalhador docente na EJA.

As ciências humanas, em geral, permitem que se desenvolva uma postura crítica e reflexiva, diante do conhecimento pensado como construção social e cultural, e não como um campo de ciência neutro, externo aos sujeitos. Faz-se necessário compreender as visões de senso comum presentes nas histórias de vida dos alunos do EJA a partir da idéia de que estes são cidadãos com direitos civis, sociais e políticos.

A educação de jovens e adultos, na contemporaneidade, adquire um novo sentido. Este sentido é fruto das práticas que se vão fazendo nos espaços que educam nas sociedades: escolas, movimentos sociais, trabalho, praticas educativas. Assim desenvolvida, legitima-se por meio de ordenações jurídicas, de acordos, firmados e aprovados pelas instâncias de representação que conformam as normas da ordem social. Nenhuma aprendizagem pode se fazer destituída do sentido ético, humano e solidário que justifica a condição de seres humanizados, providos de inteligência.

Educar jovens e adultos, em última instância, não se restringe a tratar de conteúdos intelectuais, mas implica lidar com valores, com formas de respeitar e reconhecer as diferenças e os iguais.

Esse trabalho tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica que vem sendo desenvolvida com alunos-trabalhadores do EJA a partir do entrelaçamento entre a geografia e a língua portuguesa que está sendo realizado no Colégio Cruzeiro-Centro, na cidade do Rio de Janeiro ao longo do ano de 2008.

## **COMO TUDO COMEÇOU**

No primeiro semestre de 2007 foi criado no Colégio Cruzeiro – Centro o Departamento de Ação Social com os objetivos de a) desenvolver um projeto institucional que viabilizasse uma maior participação da comunidade escolar na construção de uma cidadania ativa, uma das principais metas da educação; b) envolver professores, funcionários, estudantes, pais e ex-alunos em atividades de pesquisa e extensão, aproximação a instituições como universidades, ONGs e projetos sociais para o desenvolvimento de projetos pessoais e coletivos que visem atender a comunidade interna e externa; c) aumentar a integração dos diferentes grupos que compõem a comunidade através de eventos pontuais e de acompanhamento.

Para colocar em prática os objetivos propostos foram criados vários projetos, dentre eles, o projeto “Dialogando na Escola”, que tem como base de sustentação um diálogo maior entre os funcionários e as mais diversas instâncias que compõem a comunidade escolar. Até então, pouco era conhecido a respeito da vida de cada funcionário. Não havia registro das histórias de vida.

Ao assumir a coordenação desse projeto, dentro de uma perspectiva de uma pedagogia da autonomia (Freire, 1996), alguns objetivos foram criados:

- Realizar a formação continuada científica de todo o seu corpo de funcionários (“azulzinhos”, “amarelinhos”)
- Desenvolver autonomia nos funcionários na participação e elaboração de projetos na escola

- Aumento da qualidade de vida dos funcionários promovendo a valorização profissional e pessoal
- Desenvolver o aumento do capital cultural dos funcionários e suas famílias através de incentivos e subsídios para atividades culturais e de lazer dentro e fora do ambiente escolar.

Para finalizar, gosto muito das palavras de Alves (1993) a respeito dos educadores e educação. Acredito muito nelas quando penso em trabalhar com educação de jovens e adultos:

***" Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma fase, um nome, uma "estória" a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos sendo que cada aluno é uma "entidade" sui generis, portador de um nome, também de uma "estória", sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal."***

## **O TRABALHO COMEÇA**

Inicialmente elaborou-se uma ficha "Conhecendo o nosso funcionário"<sup>1</sup> que foi respondido por cada funcionário. Esse momento foi muito importante para ganhar confiança deles porque era a primeira vez que eles dialogavam com uma pessoa que não estava ligada diretamente a função deles. As histórias de vida começaram a ganhar corpo. Se no início houve um certo receio, com o tempo, foi possível estabelecer um laço de confiança entre ambas as partes. A afetividade foi uma importante estratégia para diminuir a barreira de desconfiança e medo. Uma afetividade que não me assustou, que não tive medo de expressá-la.

Uma das perguntas dessa ficha referia-se a o que o Departamento de Ação Social podia fazer para melhorar a vida dele. Depois de tabulados os dados, se constatou que os funcionários "azulzinhos e amarelinhos" almejavam, principalmente, a) que o colégio criasse oportunidades diversificadas de estudos, através de cursos de português, matemática e informática, b) promoção de eventos culturais durante o ano que gerassem

---

<sup>1</sup> Essa ficha está posta em anexo.

acesso a cultura e diversão dentro e fora dos muros do colégio c) a possibilidade de ganhar uma cesta básica por mês.

Interessante destacar que partiu deles o interesse em alimentar não só a alma, almejando conhecimento, mas também, o corpo (através da melhoria indireta do salário expressa no ganho da cesta básica). Com base nessas solicitações, o meu trabalho ficou mais direcionado.

## **AS CONQUISTAS**

Ao longo do ano de 2007, várias foram as conquistas. A partir da parceria com as famílias todo mês é arrecadada uma quantidade razoável de alimentos que são doados através de cestas básicas para todos os funcionários "amarelinhos" e "azulzinhos". Vale destacar que são os alunos que separam os alimentos, colocam nas cestas e, muitas vezes, entregam aos funcionários.

Com a preocupação de atender a solicitação de eventos culturais, em junho de 2007 foi organizado uma visita ao Teatro Municipal (dentro do projeto TEATRO a R\$ 1), um passeio pelo centro da cidade e, para finalizar, um almoço na Feira de São Cristóvão. Foram 10 funcionários e 4 professores. Segue abaixo um comentário, feito por um funcionário presente, sobre esse passeio:

**"Nem acreditei quando vi os professores chegando. Fiquei pensando, será mesmo que vieram só por nossa causa? Nunca tinha ido ao Teatro Municipal e achei lindo!!! Só a música que achei um pouco chata e me deu vontade de dormir. Mas quando acabou, adorei saber sobre as ruas do centro... Pôxa, passo todo dia nessas ruas e nunca tinha visto tudo que agora vi. E O almoço na "Feira dos Paraíbas"?! Até dancei com uma professora!!! Foi muito legal o domingo. Até me achei importante!!!" (Wilson Bento Januário)**

Para nós, professores, foi um domingo mágico em que o prazer de ensinar e a alegria do estar com o outro reanimou a nossa crença do valor da educação. Lembro as palavras de Freire (1996, pág.142): *"a atividade docente de que a discente não se separa. É uma experiência alegre por natureza. ...É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e*

*desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido."*

O campo da educação de jovens e adultos está repleto de desafios. Não tenho dúvida que o maior desafio no trabalho com os funcionários ainda estaria por vir. A partir de agosto de 2007 foram oferecidas oficinas de aprendizagem a partir do que eles haviam solicitado na ficha. (Oficina da palavra, dos números e da informática).

O primeiro desafio foi à escolha dos profissionais que dariam essas aulas para os alunos-trabalhadores. Seria importante a presença de um profissional do quadro docente da escola e que tivesse alguma experiência com educação de jovens e adultos. Além disso, esse docente precisava ter uma proposta de aprendizagem que visasse à conscientização do educando para que tenha uma atitude crítica e de reflexão frente à sua realidade. O conteúdo programático de estudo, baseado nas idéias de Freire, deveria ser pesquisado e estar vinculado ao contexto social em que vivessem os educandos, no sentido de possibilitar uma compreensão crítica da situação e de como o educando nela se encontra. O mais importante, as técnicas de leitura e escrita deveriam ser adquiridas como atitude de criação e não como memorização visual e mecânica de palavras e sentenças alienadas de um universo existencial.

Ensinar jovens e adultos significava ter o compromisso social com o resgate do direito à educação, negado, em algum momento na trajetória de vida de muitos brasileiros.

Essa forma de refletir é muito próxima a de Santos (2000) quando afirma que em cada sociedade, a educação deve ser concebida para atender, ao mesmo tempo, ao interesse social e ao interesse individual. É da articulação desses interesses que nascem os seus princípios fundamentais e são estes que devem nortear a elaboração dos conteúdos do ensino, as práticas pedagógicas e a relação da escola com a comunidade e com o mundo (...).

Na verdade, não foi muito difícil encontrar profissionais que tivessem o perfil acima descrito. Em uma escola de tradição pedagógica como o Colégio Cruzeiro vários são os docentes que acreditam na educação como uma forma de melhorar a inserção econômica, social, cultural do ser humano na sociedade, principalmente, no que tange a jovens e adultos.

Vencido o primeiro desafio, agora era preciso divulgar os cursos e motivar os funcionários para eles, efetivamente, voltassem a estudar. A tarefa, que parecia simples, mostrou-se trabalhosa. Os funcionários ficaram com um certo receio do que podia acontecer a eles caso a direção “descobrisse” suas limitações. O trabalho para conquistá-los foi lento mas, aos poucos, os funcionários foram redescobrendo neles o aluno que há muito tempo estava adormecido.

## **ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS OFICINAS DE APRENDIZAGEM.**

As oficinas de português, matemática e informática estão completando um ano agora em junho de 2008. Algumas breves reflexões podem ser feitas.

A oficina que tem maior procura é a da informática (do total de 37 funcionários azulzinhos e amarelinhos, 17 estão envolvidos nas aulas em um dos dois horários disponíveis esse ano). Esse dado não me causa estranheza porque a necessidade de dominar a ferramenta do computador está cada vez mais presente na vida cotidiana das pessoas. Nas palavras de alguns deles, “*é um maior barato poder fazer parte desse mundo da tecnologia. Agora já entendemos o que as pessoas querem dizer quando falam, por exemplo, e-mail. msn, orkut.*”

Em uma análise mesmo superficial desse comentário é possível perceber que conhecer a linguagem do computador é uma maneira deles se perceberem como fazendo parte do mundo de hoje. Como muitos deles já foram alijados do letramento ao longo da vida, não querem que aconteça novamente com a ferramenta do computador. É a chamada alfabetização digital.

Tanto na segunda oficina (palavra) como a terceira (números), a procura é bem menor (sete alunos e quatro, respectivamente). Considero o número muito pequeno. Nesse ano fui conversar com cada funcionário para entender melhor porque a procura era tão baixa. As respostas relacionavam-se, principalmente, com o cansaço do dia a dia. Mesmo acreditando que as aulas pudessem melhorar a vida deles, a desmotivação é grande. Alegaram vários problemas pessoais aliados a um forte desânimo.

Acredito muito que a baixa auto estima desses funcionários contribui para o descrédito na possibilidade de almejar um futuro melhor para si e sua família. No caso da oficina dos números o problema se agrava porque não acreditam que possam aprender uma matéria que nunca conseguiram entender nos poucos anos de escolaridade que tiveram.

Apesar do número pouco expressivo de funcionários alunos que freqüentam as oficinas de português e matemática, as conquistas desse grupo estão sendo inúmeras. A primeira diz respeito às mudanças com relação ao ritual de transformação do funcionário igual a qualquer outro (todos com a mesma blusa amarela) para o aluno que chega para assistir a aula com uma preocupação de vestir uma roupa bonita.

Concordo com o que escreveram Fernandes e Germano a respeito desse ritual dos alunos que voltam a estudar para se sentirem parte da sociedade de novo.

*"Há todo um ritual para chegarem à sala de aula. Despem-se de seu papel de trabalhadoras para vestirem-se de estudantes. Há um sorriso largo e um brilho nos olhos que não deixa dúvidas da importância desse "retorno à escola". Há cadernos novos, estojos com borracha, apontador e lápis que denunciam seus desejos e que significam muito mais do que um simples material. Parece que querem mostrar sua força, pôr à prova suas capacidades e conhecimentos, sentindo-se de novo, parte da sociedade. "*

Uma outra conquista importante desses funcionários-alunos foi à melhora, em todos dos sentidos, na sua relação com o trabalho diário. Reclamam muito menos do ofício e, estão sempre motivando os colegas no sentido de mostrar-lhes como podem trabalhar com mais satisfação. Eles descobriram que é importante trabalhar com alegria, mesmo que tenham algumas dificuldades. Isso deu a eles uma motivação em continuar, ou melhor, em buscar novas atividades dentro ou fora dos muros do colégio.

Todo mês coloco cursos e serviços de graça que acontecem naquele período na cidade do Rio de Janeiro. Os alunos que estão freqüentando os cursos são os mais interessados. A impressão que dá é que eles retomaram (ou começaram) a sentir o prazer pelo conhecimento, pela cultura, pela vida.

## **PENSANDO UMA FINAL**

“Resgate da memória”, “banquete de livros”, “inclusão digital”, “fazer coletivo”, “diário de bordo”, “ecologia da ação”, “ecodesenvolvimento”, “cultura emancipatória”, “letramento”, “racismo” ...

As palavras acima destacadas são apenas algumas que me fizeram refletir sobre a prática pedagógica que desenvolvo com os alunos-trabalhadores. A partir das discussões que foram realizadas a partir das eleições sugeridas, muitas idéias desafiadoras apareceram e, algumas já estão sendo postas em prática. Por exemplo, para o segundo semestre, está sendo proposto aos professores que ao término das aulas com os funcionários, eles preencham o “diário de bordo”. A idéia é que os alunos também tenham o seu “diário de bordo”.

Acredito que as discussões sobre o Ensino de Jovens e Adultos estejam apenas no início e que a troca de experiência seja o melhor caminho para uma efetiva contribuição na inserção desses alunos novamente nos bancos escolares. Esse foi o objetivo que norteou esse trabalho.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Alves, Nilda. Trajetórias e redes a formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- Boff, Leonardo. A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. Petrópolis, RJ:Vozes, 1997.
- Fernandes, Andrea da Paixão e Germano, Olga Guimarães. Narrativas De Mulheres Guerreiras: Historias de vida, leitura escrita na EJA. CAP-UERJ
- Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1983.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo:Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)
- Oliveira, Inês e Paiva, Jane (orgs). Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004
- Santos, Milton. Territorio e Sociedade – entrevista com Milton Santos. São Paulo:Ed Fundação Perseu Abramo, 2



## **ANEXO**

### **AÇÃO SOCIAL**

DIALOGANDO NA ESCOLA: CONHECENDO O NOSSO FUNCIONARIO

#### **DADOS PESSOAIS**

1. \_\_\_\_\_ **Nome:**

2. \_\_\_\_\_ **Endereço:**

3. **Nome do cônjuge:** \_\_\_\_\_

✓ **Ela(e)** \_\_\_\_\_ **trabalha:** \_\_\_\_\_

✓ **Função:** \_\_\_\_\_

✓ **Onde:** \_\_\_\_\_

4. \_\_\_\_\_ **Até** \_\_\_\_\_ **que** \_\_\_\_\_ **ano** \_\_\_\_\_ **estudou?**

5. \_\_\_\_\_ **Nome** \_\_\_\_\_ **e** \_\_\_\_\_ **idade** \_\_\_\_\_ **dos** \_\_\_\_\_ **filhos:**

✓ **Eles estudam?** \_\_\_\_\_ **Estão em que ano?** \_\_\_\_\_

✓ **Quais** \_\_\_\_\_ **as** \_\_\_\_\_ **dificuldades** \_\_\_\_\_ **que** \_\_\_\_\_ **eles** \_\_\_\_\_ **mais** \_\_\_\_\_ **apresentam?**

5. **Qual a renda média da família:** \_\_\_\_\_

✓ **Tem ajuda de alguém para complementar a renda familiar?** \_\_\_\_\_

6. **Maiores dificuldades que você está vivendo no ano de 2008:**

#### **DADOS PROFISSIONAIS**

1. **Função:** \_\_\_\_\_

2. **Há quanto tempo é funcionário de Colégio Cruzeiro ?** \_\_\_\_\_

✓ **Nesses anos de trabalho você já mudou a sua função?** \_\_\_\_\_

✓ **O que fazia antes?** \_\_\_\_\_

3. **Trabalha só aqui?** \_\_\_\_\_

✓ **Outras** \_\_\_\_\_ **atividades:**

4. \_\_\_\_\_ **Maiores** \_\_\_\_\_ **dificuldades** \_\_\_\_\_ **que** \_\_\_\_\_ **encontra** \_\_\_\_\_ **no** \_\_\_\_\_ **trabalho:**

5. **Você está fazendo algum curso que está sendo oferecido pelo colégio?** \_\_\_\_\_

✓ **Qual(is)?** \_\_\_\_\_

✓ **Por** \_\_\_\_\_ **que** \_\_\_\_\_ **escolheu** \_\_\_\_\_ **fazer** \_\_\_\_\_ **esse** \_\_\_\_\_ **curso?**

6. **Está fazendo algum curso fora do colégio para aprimoramento profissional?**

✓ **Qual?** \_\_\_\_\_

7. **O que o Departamento de Ação Social pode fazer para melhorar a sua vida profissional?**